

Reflexão sobre Dinheiro

SILVA, Agostinho da. Reflexão sobre Dinheiro.
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 18 mar. 1956.

É sempre muito difícil e meio complicado falar do Renascimento, porque não existe, na verdade, um só com características uniformes, mas vários renascimentos de várias espécies e por diferentes lugares e em diferentes épocas. Para o que neste momento nos interessa, poremos só a questão dos renascimentos tipicamente europeus, isto é, dos Pireneus para o norte, que foram o renascimento italiano e o renascimento alemão. E, destes dois, apenas traremos a maior luz que foram, um, o renascimento de Roma, e o outro a afirmação de que a humanidade só poderia avançar se quebrasse aquela fraternidade que, pelo menos teoricamente, fora seu apanágio durante a Idade Média.

Quanto ao renascimento de Roma, já sabemos de que maneira ele foi um reaparecimento e um dominar do direito romano, cesarista centralista e anticatólico, contra um direito medieval que penosamente se fora formando e que era o direito da unidade municipal, o direito do concelho, o direito dos forais. O tal direito que torna Portugal da Idade Média como que, politicamente, a pré-figuração de um sistema de governo tão perfeito como aquele que hoje admiramos na Commonwealth, um grupo de repúblicas ligado pela figura ideal de um Rei, e que tão facilmente lançamos como exclusiva criação do gênio político dos ingleses. Já sabemos também como ele veio trazer de volta, ou reforçando-o, um platonismo que, depois de ter dominado na Igreja com Santo Agostinho, fora quase posto de lado pelo aristotelismo de S. Tomás; e sabemos igualmente tudo quanto se pode dizer a favor, científica e filosoficamente, deste novo não neoplatonismo; mas também não poderemos negar que, sob o ponto de vista da fraternidade de que falamos e do ideal de convivência, que não são inferiores ao de ciência e de filosofia, a doutrina de S. Tomás ia muito à frente de qualquer espécie de platonismo; e é este um dos pontos que explicam a sua recomendação pela Igreja.

O que se deseja pôr agora em relevo é o surto de retórica que veio sobre a Europa com o renascimento romano. Infelizmente, o que renasceu da antiguidade não foi a eloqüência inteligente e rápida e ágil de um Demóstenes, que levantava problemas diante de uma Assembléia capaz de compreendê-los, expunha os argumentos que militavam a favor de tal ou tal teses e em segui-

da se retirava para que cada um, pelo menos teoricamente, pudesse refletir e resolver segundo ditames de razão. O que acompanhou o renascimento foi a retórica de tipo Cícero, em que parece pressuposto que os ouvintes, por um lado, não compreendem à primeira e é necessário, por conseguinte, repeti-lhes cem vezes ao longo de um discurso o que poderia ser dito apenas uma; por outro lado, que é muito provável que, entregues a si próprios, como que no pleno gozo de suas faculdades, não se decidam conforme os desejos do orador; então Cícero, cuidadosamente, hipnotiza-os; com toda a grandeza de Cícero, quem sai de um discurso do orador romano pode não estar dormindo: mas está decerto como o braço que ficou esquecido sob o corpo, dormente; e, dormente, delibera segundo Cícero.

Quanto ao Renascimento de tipo alemão, devemos-lhe a ciência de tipo fáustico, isto é, a ciência feita por um homem isolado dos outros homens, que se refugia numa cela, para que a suposta incompreensão dos outros o não perturbe; a ciência para poder, para dominar o mundo, não ciência para adorar a Deus; e, finalmente, a ciência que, deixando sem amor, porque do amor não partiu, põe as almas diretamente em poder do Diabo, especialista, como se sabe, em não amar. É esta, em geral, a ciência que temos hoje, qualquer que seja a qualidade humana dos cientistas; possuímos saber, temos eficiência técnica, mas na realidade entregamos a alma ao demônio; e todo o problema da humanidade de hoje está em saber se ele nos vai ficar para sempre com a alma, ou se, por intervenção daqueles desprezados homens que passaram a vida orando, nos vai ser possível renovar o milagre que salvou ao Gil português: se a Virgem Maria, se Nossa Senhora, se o que há de cândido e puro na nossa alma, será capaz de roubar ao Diabo a sua presa. Mas talvez o mais grave presente que nos deram do lado germânico seja ainda o falarmos naturalmente do que não é natural; do que é contra a natureza humana: por exemplo, de dinheiro, de capitais e de juros.

A este ponto queríamos chegar. Diante de dinheiro, os homens se dividem em dois grupos: um, o mais numeroso, porque a maioria da gente, sendo realmente protestante, só nominalmente é católica, vai para o lado dos que consideram dinheiro que vai dar maiores juros e qual o mais aconselhável emprego de capital ou qual o trabalho que, independentemente de outras circunstâncias, é o mais rendoso; são estes os que não reparam em que Cristo achou que dinheiro não era mesmo de Deus, mas de César; os que talvez não saibam que já o salmista condenou o juro e que, se o judeu emprestava dinheiro na Idade Média, é porque, como noutras ocasiões, andava demasiado esquecido dos preceitos de sua religião; os que, sobretudo, esquecem que a

economia moderna tem seu primeiro legislador num estreito, fanático e anti-pático ditador chamado Calvino.

Ao outro grupo, muito menos numeroso, apeteceu tratar do dinheiro com a tal retórica ciceroniana, falando de dinheiro como de sangue do pobre. Sem reparar em várias coisas: em que, até agora, até termos assegurado a produção necessária a todo o consumo da humanidade, e o fazermos por meio de desenvolvimento da técnica, coisa que devemos ao renascimento de tipo alemão, não havia outra possibilidade senão a da existência do pobre, como, passando do econômico ao hierárquico da guerra, se têm de distinguir no exército graus que desaparecem na vida civil; e, no campo da economia, só agora se começam a perceber as possibilidades de desmobilizar; em que o dinheiro não é mais do que a marca, o sinal, a ficha que me entrega a sociedade em troca de um trabalho reputado útil, em troca de ter eu colaborado num progresso do grupo humano, recebendo, sempre teoricamente, mais ou menos conforme o trabalho é classificado como mais ou menos importante ou como exigindo maior ou menor preparação, isto é, maior ou menor dispêndio do capital previamente acumulado; e finalmente em que nas batalhas, já que se entrou em regime de guerra, o que conta é o objetivo, não o gasto sangue.

Como disse, porém, estamos em vésperas de desmobilizar; em vésperas de terminar de vez com a miséria do mundo; em vésperas de se acabar com a distinção entre o pobre e o rico; em vésperas de suprimir o trabalho obrigatório; em vésperas finalmente, de podermos cumprir pela primeira vez aquele conselho de olhar os lírios do campo e as avezinhas do céu sem que a conseqüência seja a de morrer de fome. Mas o dizermos que estamos em vésperas de tudo isto, em vésperas de reencontrarmos um paraíso natural que poderá ser, para todos, o ponto de partida para o paraíso que mais importa, o do sobrenatural, não significa de modo algum que ele seja fatal e que, por outro lado, o não possamos apressar ou retardar com nosso gesto.

Podemos retardá-lo, e muito, se continuarmos a ver economia com retórica ciceroniana, o que tanto acontece do lado dos chamados conservadores como da parte dos chamados revolucionários; se teirmos em continuar adotando sistemas de gerência econômica que não permitem, pela renovação contínua de material, ir a par do que o gênio humano vai criando nos domínios da invenção científica e técnica; se, absurdamente, numa época que já o tornou impensável, por um lado, e dispensável por outro, persistirmos em ver a produção e não o consumo, o capricho e não a necessidade, o lucro e não a despesa geral, como os fulcros de uma organização econômica do mundo.

Mas podemos apressá-lo, e também muito, se, entre todas essas coisas, e pelo que tange à nossa pequena economia particular, virmos o dinheiro como trabalho nosso que podemos pôr à disposição dos outros, poupando o mais possível; não fazendo nenhuma despesa que não seja estritamente indispensável, o que, além de tudo, liquidaria a produção das superfluidades em que hoje se desbaratam tanto capital e tanta mão-de-obra; colocando esse dinheiro poupado e, portanto, esse trabalho cedido aos outros, em instituições de administração direta de coletividades públicas; e, finalmente, submetendo o nosso catolicismo à pequena prova prática de não retirarmos os juros contabilizados; porque juro sim: é mesmo sangue de pobre.